

PEQUENAS REVOLUÇÕES - GRANDES MUDANÇAS

CURRÍCULOS FLEXIVEIS - DESAFIO OU TEIMOSIA?

José Pires - (Director da ESECB)

1 - A partir de vários movimentos sociais no final do Século XIX e início do Século XX que redundaram na abolição da escravatura, no reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres, nos direitos e deveres dos trabalhadores e na definição da importância e dos cuidados que crianças e jovens devem receber da sociedade, os currículos para a educação básica passaram a apresentar características diferentes. A diversidade passou a ocupar um lugar importante na organização curricular capaz de respeitar e aceitar os diferentes modos de ser e conhecer dos alunos, recuperando a história dos diferentes grupos sociais e padrões culturais, de forma a levar os alunos à unidade de conhecimentos onde se respeitem as diferenças existentes entre indivíduos e grupos.

Por outro lado tem havido um esforço de flexibilidade nas áreas curriculares na busca da integração dos conteúdos em unidades de ensino que só terá significado se formos capazes de descontinar as diferenças e, principalmente, a importância das diferenças entre os currículos que projectam perspectivas de educação reprodutora ou educação transformadora

Durante muito tempo a organização curricular foi concebida como uma acção voltada para modelar as consciências dos alunos. A educação, através da acção curricular servia como modo de reprodução das estruturas, normas e valores da sociedade, servindo assim para reproduzir na escola a distribuição injusta de bens e serviços na sociedade.

Temos, em alternativa bem mais coerente, a educação transformadora que através da discussão de assuntos relevantes para a vida em sociedade procura transmitir aos alunos conhecimentos que lhes permitam conhecer, criticar e transformar a realidade em que vivem. Os conteúdos já não são ensinados de forma isolada, antes são contextualizados permitindo a formação de cidadãos solidários, críticos, intervenientes e autónomos.

Num currículo voltado para a transformação há espaço para a diversidade social, étnica, cultural e de género, onde se incluem as experiências dos professores e alunos que lhe dão vida. Um currículo gerador de educação transformadora, não é de borracha, não faz ricochete sem deixar mossa, mas é naturalmente interactivo e flexível.

Para todos nós, provavelmente a questão fundamental é saber se tal flexibilidade pode originar a fragmentação do saber na organização curricular.

Hoje, em termos gerais, o saber encontra-se fragmentado em várias disciplinas quase sempre estanques e desligadas entre si, pouco aptentes à interdisciplinaridade, rejeitando frequentemente o afloramento e quase abominando a interacção.

Ora, sem esquecer o facto de que cada disciplina tem sua própria lógica, o grande desafio na actualidade, é o de relacionar as experiências de vida dos alunos, o conhecimento do senso comum com que chegam à escola com o conhecimento sistematizado, de forma a que possam aperceber-se e perceber o mundo de forma integrada.

Respeitando-se a lógica interna de cada disciplina é preciso ultrapassar os seus limites reducionistas e vencer barreiras, porque a separação das disciplinas em conteúdos estanques faz com que os alunos tenham dificuldade em os integrar e relacionando a vida, a educação e a cidadania.

2 - O documento orientador das políticas para o ensino básico, publicado pelo Ministério da Educação em 1998, afirma que a educação básica constitui um desafio a que é preciso dar a maior atenção. Por um lado, a escolaridade básica constitui o começo de um processo de educação e formação ao longo da vida, imprescindível para responder aos novos desafios pessoais e sociais. Por outro lado, a aquisição efectiva de saberes essenciais requer uma formação inicial prolongada, consistente e significativa.

Se há, ainda hoje, muitos alunos que não completam a escolaridade obrigatória na idade normal e muitos outros que, quando o fazem, não têm os conhecimentos e competências que a educação básica lhes devia proporcionar, é porque a organização actual da escola não tem sido capaz de lidar, na plenitude, com a complexidade dos problemas e com a diversidade de situações que a educação para todos hoje coloca.

Uma elevada carga horária lectiva dos alunos, centrada nos programas de um grande número de disciplinas isoladas umas das outras, sem a necessária articulação entre os três ciclos do ensino básico e com o ensino secundário, fez emergir a necessidade de construir um currículo nacional assente no desenvolvimento de um eixo comum onde se articulam os saberes de referência com as competências de saída do ensino básico e se procuram garantir, simultaneamente, a existência de referenciais nacionais de exigência e qualidade e uma gestão curricular flexível, adequada aos contextos específicos de cada escola.

Neste sentido, o projecto de Gestão Flexível do Currículo, entendido como a possibilidade de cada escola, dentro dos limites do currículo nacional, organizar e gerir autonomamente todo o processo de ensino e aprendizagem, deverá adequar-se às necessidades diferenciadas de cada contexto escolar, podendo contemplar a introdução no currículo de componentes locais e regionais, visando a promoção de uma mudança gradual nas práticas de gestão curricular e melhorar a eficácia da resposta educativa aos problemas surgidos da diversidade dos contextos escolares e assegurar que todos os alunos aprendam mais e de um modo mais significativo.

Poderá assim contribuir para a construção de uma escola de qualidade humanizada, criativa e inteligente, cujo horizonte é o desenvolvimento integral dos seus alunos, aos quais proporcionará uma diversidade de percursos de aprendizagem onde é garantida a coerência entre os objectivos estabelecidos e as competências a desenvolver e estimulada a concepção de estratégias e actividades diversificadas geradoras de condições para a aplicação e transferência de competências transversais (que atravessam todas as áreas disciplinares e não disciplinares do currículo, ao longo do percurso escolar), habilidades e saberes de referência (que não se adquirem exclusivamente no interior de cada disciplina escolar, nem resultam do somatório das várias disciplinas, antes promovem a interacção das componentes disciplinares com as componentes extra-curriculares e transdisciplinares), resultantes das aprendizagens interactivas.

3 - Os nossos alunos não conhecem nem as bases, nem os fundamentos da estrutura curricular que, lhes servimos de uma forma cíclica, espiralada e compulsiva. A sua relação com a escola é, à medida que o tempo passa, menos agradável, menos apetecida e menos vivida. Por isso cada vez mais cedo e com maior frequência os alunos se interrogam sobre a qualidade e a utilidade daquilo que a escola lhes propõe que aprendam.

De uma forma mais ou menos profunda, vão-se afirmando como alguns dos principais críticos do sistema, esperando, quando não desesperando, que a relações compulsivas geradas nas escolas, possam originar aprendizagens diversificadas, diversificadoras, socializadas, socializadoras, significativas e significantes.

A verdade é que os alunos transportam para a escola interesses, valores e necessidades que, se em alguns aspectos correspondem aos dos seus professores, são, na sua grande maioria, diferentes ou, pelo menos, valorizados de modo diferente, gerando, para orientações temáticas comuns, expectativas diferentes. O espaço privilegiado para a interacção didáctica é este aparente conflito operacional que se movimenta em contextos diferentes.

A interacção didáctica que deve resultar da gestão flexível dos currículos supõe, antes de mais, que comunicação, aceitação, compreensão, partilha, compromisso e cumplicidade, são as partes de um todo a que usualmente denominamos de empatia e que estabelecem o ponto de partida, os pontos de passagem e o ponto de chegada para a consecução profíqua do ensino e da aprendizagem.

Estará a escola preparada para percorrer, sem hesitações, estas etapas? Serão os professores detentores dos instrumentos necessários para dinamizar, orientar e facilitar estes percursos? Existe um sistema educativo onde tudo isto caiba sem receios e de forma inovadora?

4 - Passámos, passamos e passaremos cada vez mais, os nossos tempos de professores reais (na escola) e de professores potenciais (fora dela) confrontados com quatro grandes desafios:

O desafio científico que é a base do nosso desempenho, é claramente um desafio interno, individual e íntimo, ao qual cada um de nós responderá na exacta medida da compreensão do que representa enquanto resposta às expectativas da comunidade educativa.

Enquanto desafio interno é um desafio avaliativo de conhecimento e de correspondência. Conhecimento da dinâmica evolutiva da comunidade educativa e avaliação da capacidade individual de correspondência a essa dinâmica. Este conhecimento e avaliação obrigam a um levantamento cuidado e sem complexos do que temos e podemos potenciar e do que nos falta e necessitamos adquirir.

Enquanto desafio íntimo é um desafio de escolha dos caminhos para as novas e necessárias aquisições e de exigência dos meios eficazes para a sua concretização.

Enquanto desafio individual não pode transformar-se numa teimosia egocêntrica e competitiva sem sentido, de quem só olha para o seu umbigo, nem numa apatia subserviente de quem tudo aceita desde que lhe solucionem o problema. É o desafio individual da partilha, da procura da cooperação e da organização colectiva para a resposta. É um desafio de formação, para o professor na sua dimensão de cientista.

O **desafio pedagógico - didáctico** representa um dos mais importantes e decisivos dos desafios, porque determina a visualização do nosso desempenho. É um desafio dependente da permanente mutação das representações que os alunos e com eles a comunidade educativa, têm da escola, do que dela esperam que seja para que corresponda ao que dela exigem, dinâmico na relação directa com a evolução das diversas e atractivas ofertas que vindas de fora para dentro da escola exigem respostas rápidas, eficazes e ainda mais interessantes para se tornarem atractivas, criativo porque obriga à diversificação e à desformalização das ofertas diárias, pela capacidade de variar as situações e os estímulos e inovador implicando o investimento em novos recursos e novas competências.

Seja como for, só aceitando o desafio pedagógico e didáctico é possível chegar com tranquilidade ao próximo.

Trata-se do **desafio sociológico** que enquadra a nossa capacidade de integrar e a nossa vontade de interagir. É um desafio à capacidade de conhecimento quando nos exige atenção à estrutura complexa e variada que é o quadro originário dos alunos, à variedade dos grupos que se entrecruzam, dos seus interesses, capacidades e expectativas e à multiculturalidade que potencialmente encerra numa perspectiva de gestão curricular interactiva, de registo das suas formas de organizar, participar, perguntar e responder, de descodificação da sua estrutura comunicativa para potenciar a troca produtiva, a auto e hétero - aprendizagem e diversificação das actividades de aprendizagem, de aplicação e de transferência, de reconhecimento como aposta na possibilidade, na necessidade e na exequibilidade da partilha da gestão dos tempos, dos espaços e dos modelos de realização, valorização das participações não determinadas pelo professor e das contribuições exteriores ao grupo-turma e à comunidade escolar e finalmente de acção só é comprehensível e aceitável se determinar a integração de todos os actores potenciais e a interacção permanente entre os promotores e os receptores, directos e indirectos do acto educativo e das acções de ensino-aprendizagem.

É ainda um desafio de formação para o professor que se quer socialmente implicado e sociologicamente esclarecido.

É que cada escola reflectindo sobre as suas práticas, os seus valores, os seus conhecimentos, os seus estereótipos, as suas rotinas e as formas de relacionamento entre os seus membros, poderá identificar os nós que lhe são particulares criando, num trabalho colectivo, os laços necessários à construção do currículo que norteará a sua forma de actuar. Eses saberes necessários ao conhecimento não estão isolados do mundo, porque a escola deve transmitir conhecimentos necessários ao entendimento do aluno e da sua participação.

É lógico que tal projecto necessita ser interdisciplinar e interactivo, enquadrando as disciplinas como um todo, aceitando a pluralidade cultural, respeitando as diferenças, mas avançando de forma a proporcionar aos alunos a oportunidade da exposição a outras manifestações culturais e artísticas.

Por fim o **desafio cultural** que determina a visibilidade da escola e dos professores que, numa escola plural e pluralista devem ser os garantes do pluralismo cultural na sala de aula, na escola e, por projecção natural, na sociedade.

É, em primeiro lugar, reconhecimento e identificação das diferentes expressões culturais em presença, para depois ser o seu conhecimento e caracterização, não podendo abster-se de ter uma componente comprehensiva que proponha um trabalho etnográfico, interno e externo, que pode e deve socorrer-se de diferentes técnicas e metodologias, que se aproximam da animação social e cultural, procurando a animação pedagógica, escolar e educativa.

Poderá, assim, consubstanciar-se como uma relação mais estreita entre a escola e o seu espaço social de inserção, que permita a presença deste na escola, entendido como lugar de negociação e compromisso entre culturas, que facilita a exploração criativa das diferenças entre elas e a potenciação produtiva das suas comunhões e complementariedades.

Mais que um desafio à formação este é um desafio à facilitação e circulação da informação.

5 - Currículos flexíveis - desafio ou teimosia?

O desejo é que sejam um desafio às escolas, aos professores e por projecção ao sistema educativo para a afirmação sem peias da interacção didáctica, da gestão de programas geradora de interdisciplinaridade e dinâmica dos projectos educativos para que haja, de facto, planos de actividades exequíveis e profícuos cuja realização transforme os alunos e a comunidade educativa que os acompanha de críticos a apoiantes activos da escola.

O medo é que fiquem por uma teimosia tutelada por critérios mais políticos que científicos e pedagógicos, que serão perigosamente geradores de confusão generalizada, de predominância do administrativo sobre o educativo e que, por falta de formação adequada para a sua concretização positiva, poderão gerar desalento, desinteresse e facilitação. Cabe a todos nós reflectir, discutir e principalmente actuar, tendo em atenção as seguintes perspectivas:

- Flexibilizar com fundamentação e segurança, baseado em convicção científica e num projecto lógico de oferecer novos instrumentos técnico-pedagógicos aos professores, faz parte dos paradigmas actuais da inovação didáctica e como tal deve ser aceite.
- Flexibilizar por convencimento administrativo e com argumentação mais política que outra é desvirtuar o sistema, baralhar para voltar a dar e principalmente minorizar algumas áreas do saber em detrimento de outras.

A primeira perspectiva é a desejável. A segunda só pode ser rejeitada.